

CLAUDIANA MARIA SILVA

**QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: FATORES PREPONDERANTES
PARA A QUALIDADE DE VIDA NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA**

SALGUEIRO-PE

2025

CLAUDIANA MARIA SILVA

**QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: FATORES PREPONDERANTES
PARA A QUALIDADE DE VIDA NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador(a): Prof(a). Esp./ Msc./ Dr(a).
João Vitor Gobis Verges.

SALGUEIRO-PE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S111 SILVA, CLAUDIANA.

QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO : FATORES PREPONDERANTES PARA A QUALIDADE DE VIDA NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA / CLAUDIANA SILVA. - Salgueiro, 2026.
35 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência para Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Salgueiro, 2026.
Orientação: Prof. Dr. João Vitor Gobis Verges.

1. Políticas públicas de educação. 2. Qualidade. 3. Vida. 4. Trabalho. 5. Docência.
I. Título.

CDD 379

CLAUDIANA MARIA SILVA

**QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: FATORES PREPONDERANTES
PARA A QUALIDADE DE VIDA NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA**

Relatório de Formação apresentado ao curso Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica do IFSertãoPE, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em: ___/___/_____.

NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) (Orientador(a))
Instituição

Prof. (a)
Instituição

Prof. (a)
Instituição

SALGUEIRO-PE

2025

DEDICATÓRIA

Dedico essa produção autobiográfica ao meu filho, Davi Aquilles, que me ensina, inspira, motiva e impulsiona todos os dias

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos aos tutores e professores do Curso de Especialização em Docência na EPT, pela orientação e direcionamento durante todo o curso; à minha família que é a base de toda a minha existência e ao meu companheiro que é o meu porto seguro e base apoio.

Epígrafe: “Nossas vidas começam a terminar no dia em que permanecemos em silêncio sobre as coisas que importam.”

Martin Luther King

RESUMO

A presente pesquisa autobiográfica apresenta uma visão particular sobre vivências da autora com a modalidade de ensino da educação profissional e tecnológica sob a vertente da temática de qualidade de vida no trabalho. No desenrolar do texto, são apresentados fatores apontados nas pesquisas como preponderantes para a QVT (Qualidade de Vida no Trabalho) no exercício da docência na EPT (Educação Profissional e Tecnológica), bem como seus principais desafios. Além disso, são abordadas algumas das políticas públicas vigentes nessa área. Também é digno de nota a visão geral sobre o curso de Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Sertão Pernambucano, apresentado sob o olhar da autora, enquanto discente. Por fim, traz o enfoque pessoal, as memórias, impressões e intenções da autora ao longo das múltiplas experiências relacionadas à educação profissional e tecnológica e de toda a sua formação acadêmica.

Palavras-chave: Qualidade. Vida. Trabalho. Educação profissional.

ABSTRACT

This autobiographical research presents a particular perspective on the author's experiences with the modality of professional and technological education, under the thematic lens of quality of life at work. Throughout the text, factors identified in the literature as significant for Quality of Life at Work (QWL) in the practice of teaching within Professional and Technological Education (PTE) are presented, as well as its main challenges. In addition, some of the current public policies in this field are discussed. It is also noteworthy that a general overview of the Specialization Course in Teaching in Professional and Technological Education, offered by the Federal Institute of Sertão Pernambucano, is presented from the author's perspective as a student. Finally, the text highlights the personal dimension, including the author's memories, impressions, and intentions throughout multiple experiences related to professional and technological education and her entire academic trajectory.

Keywords: Quality. Life. Work. Professional education.

LISTA DE ABREVIACÕES

FFPP – Faculdade Formação de Professores de Petrolina

UPE – Universidade de Pernambuco

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

BPSO – Biológico, Psicológico, Social e Organizacional

QVT – Qualidade de Vida no Trabalho

PR – Sigla do Estado do Paraná

PNEPT – Política Nacional de Educação Profissional e Tecnológica

SINAEP – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Profissional e Tecnológica

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

EAD – Educação à Distância

IF – Instituto Federal

EBTT – Ensino Básico, Técnico e Tecnológico

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

EJA – Educação de Jovens e Adultos

MEC – Ministério da Educação

COVID – Corona Virus Disease

PNE – Plano Nacional de Educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. OBJETIVOS	6
2.1. Objetivo geral	6
2.2. Objetivos específicos	6
3. REFERENCIAL TEÓRICO	7
3.1. Fatores preponderantes para a QVT na docência da EPT	8
3.2. Formação	15
3.3. Atuação profissional na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)19	
3.4. Discussão das temáticas das disciplinas	22
3.4.1. Disciplina 1: Trabalho e Educação: Fundamentos Teóricos e Didáticos I:	22
3.4.2. Disciplina 2: Trabalho e Educação: Fundamentos Teóricos e Didáticos II:	23
3.4.3. Disciplina 3: A docência na EPT: Contigências históricas e práticas inspiradoras:.....	23
3.4.4. Disciplina 4: Práticas educativas integradoras na EPT: teorias e didáticas:.....	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
5. REFERÊNCIAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

Sertaneja, filha de lavradores, nasci em uma pequena cidade do interior de Pernambuco, chamada Parnamirim, cuja inspiração para o nome tem origem no tupi-guarani: paraná (rio) mirim (pequeno), devido ao rio Brígida, que serpenteia a lateral da cidade e que, segundo contam os mais velhos, já foi perene, mas, devido a grandes períodos de estiagem na região, se tornou intermitente e, hoje, depende das chuvas para que suas águas voltem a correr, fazendo, assim, jus ao nome da cidade.

Ainda na educação primária, meus pais me mandaram para estudar em Petrolina. Na época, passei a morar com meus avós e descobri, na educação, uma grande paixão. Todos os meus anos da educação básica e superior se passaram em instituições públicas, em sua maioria, na cidade de Petrolina. Estudei na Escola Jeconias, na Escola Osa Santana, na Escola Gercino Coelho, na Escola Paul Harris e na FFPP/UPE. Também me lembro de ter estudado em duas escolas de Parnamirim, a Escola Odorico Melo e a Escola Euclides da Cunha, durante a antiga educação primária.

Por ser filha da classe proletária, cresci em meio à realidade de recursos muito regradados. Por isso, tracei, em minha mente, uma estratégia clara e definida para ter um trabalho menos duro e mais bem remunerado do que o dos meus pais: a educação. Na escola, sempre me saí bem, tanto em fazer amigos quanto em ter um dos melhores desempenhos da sala. Ainda no ensino fundamental, meus colegas costumavam me pedir para ajudá-los a se saírem melhor nas provas. Eu sempre acreditei e defendi que colar era fraudar a si mesmo; por isso, costumava lhes dizer que os ajudaria a estudar e se preparar para as provas, mas que, na hora das avaliações, eles não contassem comigo. Isso me fez ganhar apelidos como “nerd”, “sabichona”, “metida”, dentre outros, mas isso nunca me incomodou. Mantenho firme minha convicção idealista até hoje.

Durante toda a minha jornada escolar, várias professoras me incentivaram a continuar estudando após a educação básica. Elas inspiraram a minha dedicação acadêmica, com destaque para minha professora de Ciências no ensino fundamental, na Escola Osa Santana, professora Irene Teles, e para minha professora de Língua

Portuguesa no ensino médio, na Escola Paul Harris, professora Antonise. Na área de exatas, meu pai (embora não tenha avançado nos estudos) foi minha maior inspiração; ele me ensinou que matemática é muito fácil e lógica pura; sem esquecer de minha professora na faculdade de Matemática, Verônica. Além do mais, o exemplo do meu tio, que rompeu um ciclo familiar de escassez através do estudo; de uma prima distante, que é professora e me encorajou a fazer faculdade; e, finalmente, meu avô, que teve uma velhice mais tranquila graças ao exercício da função pública, foram muitos os fatores que me conduziram pelo caminho da continuidade nos meus estudos até este curso.

Alguns desafios e percalços diminuíram o ritmo da minha caminhada, como a perda múltipla e sequenciada de membros de minha família imediata, que me estagnaram por um tempo, e a vivência da maternidade atípica, que me fez adiar os planos de retomar minha formação. Mas, mesmo em ritmo lento, eu consegui concluir uma das duas graduações que iniciei, consegui ingressar na função pública através de concurso e consegui retomar minha formação profissional após treze anos da conclusão da licenciatura e quinze anos fora da regência de sala de aula.

Quanto a como eu conheci a EPT, isso remete à minha infância, quando ouvi que meu tio estava estudando para ser técnico. Eu não entendia o que isso queria dizer, mas, com certeza, me marcou positivamente, porque, quando me perguntaram o que eu queria cursar no ensino médio, eu optei por um curso técnico. Embora, a bem da verdade, apenas após meu ingresso nesse curso pude conhecer a estrutura educacional da EPT e entender quão antiga é a minha relação com essa modalidade de ensino.

Ao cursar a disciplina TCC I, quando se propôs definir uma problemática para a pesquisa que nortearia o trabalho autobiográfico de conclusão deste curso, duas questões me surgiram à mente, sendo que, por motivos pessoais, optei pela temática referente à QVT no exercício da docência na EPT.

A escolha é facilmente explicada pela relevância do tema no cenário atual: o adoecimento profissional tem sido considerado um dos grandes males da nossa sociedade, com implicações diretas na produtividade dos trabalhadores, de tal forma

que a QVT tem sido amplamente defendida até mesmo pelos empregadores. No quesito pessoal, eu tenho enfrentado alguns problemas de saúde decorrentes do exercício da minha função; por isso, posso dizer que sinto na pele a necessidade e urgência de focar nessa temática.

No que tange ao exercício da docência, segundo a autora Débora Garofalo, na coluna intitulada *A urgência da valorização docente em tempos de adoecimento coletivo*, publicada na *Revista Educação*, mais de 84% dos professores brasileiros relatam estarem exaustos emocionalmente (GAROFALO, 2024). Fato que é facilmente constatado por quem atua na área. Na escola onde eu atuo há dezesseis anos na área administrativa e gerencial, o índice de absenteísmo decorrente de atestado médico é muito elevado e, ao conversar com colegas de outras escolas, percebemos que isso é, infelizmente, a realidade de muitas escolas.

Nesse íterim, no artigo intitulado *A Qualidade de Vida no Trabalho dos Professores da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica: percepções com a metodologia BPSO alinhado à qualidade da educação*, publicado no volume 37 da *Revista Espacios*, os autores defendem que a qualidade de vida no trabalho é tão importante para que o indivíduo mantenha seu equilíbrio quanto a própria qualidade de vida no aspecto pessoal (STEPHEN; DHANAPAL, 2012 apud OLIVEIRA et al., 2016, p. 17). Já para Oliveira et al., “sem uma qualidade de vida construída de forma enriquecedora não se perpetua o progresso” (OLIVEIRA et al., 2016, p. 17). Enquanto Gimenes et al. destacam que a qualidade de vida no trabalho contribui para otimização da produtividade, de forma que tanto a empresa quanto os funcionários se beneficiam de uma relação embasada nesse princípio (GIMENES et al., 2024).

Não preciso dizer que acredito que o que os estudiosos citados acima defendem acerca do impacto da qualidade de vida na produtividade do trabalho, assim como o quadro de adoecimento dos professores, é o mais puro recorte da realidade, o que torna mais do que cabível a escolha do tema que fiz para a produção do meu TCC neste curso.

Além disso, considerando que uma das instigações de mentes que realizam produções acadêmicas com certo grau de relevância é a busca por soluções de

problemas, dar visibilidade ao marco situacional atual da QVT no exercício da docência é imprescindível, visto que, ao realizar uma busca rápida, fica evidente o número reduzido de fontes disponíveis. Inclusive, encontrar uma gama diversificada de fontes foi uma das grandes dificuldades que encontrei na produção desse trabalho. Fato este que reforça meu argumento.

Ainda em defesa da escolha, é incontestável que a formação integral e omnilateral propiciada pela EPT, especialmente para as classes menos favorecidas, é o caminho mais promissor rumo à emancipação da classe proletária, e contribuir para que os profissionais que atuam nessa área estejam bem, que usufruam uma boa qualidade de vida no trabalho, é o mínimo que se pode fazer para honrar esse caminho. Pelo menos, é assim que eu acredito que seja.

Do meu ponto de vista idealista, nas mãos desses profissionais se encontra o futuro da maioria constituinte da nossa nação e a melhor promessa de promoção da justiça social que pode haver em nosso país.

Assim, considerando que profissionais que usufruem boa qualidade de vida no trabalho desempenham suas funções com maior excelência, ao direcionar o meu TCC para essa área, buscando estimular a produção bibliográfica sobre qualidade de vida na docência da EPT, espero contribuir para o bem comum de toda a sociedade.

2. OBJETIVOS

2.1. *Objetivo geral*

Elaborar pesquisa autobiográfica sobre os fatores preponderantes da qualidade de vida no trabalho no exercício da docência na EPT.

2.2. *Objetivos específicos*

- Descrever minha trajetória de formação acadêmica no contexto da EPT com reflexões acerca dos desafios e êxitos alcançados;
- Descrever memórias vivenciadas durante a minha formação no curso de especialização em docência na EPT;

- Investigar políticas públicas sobre qualidade de vida no exercício da docência na EPT;
- Relacionar minha experiência pessoal com a literatura disponível que trate de qualidade de vida no exercício da docência na EPT;
- Identificar os desafios e os fatores mais preponderantes apontados nas produções acadêmicas já publicadas sobre a referida temática.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O alicerce de uma boa pesquisa autobiográfica é a memória. São as histórias, entrelaçando tese e resultado, que fomentam o produto oriundo da pesquisa autobiográfica. Contextualizar a realidade do autor com uma determinada linha de pesquisa é dinâmico, interativo e altamente instrutivo. Não é à toa que esse tem sido um dos gêneros textuais com crescente grau de recorrência nas produções acadêmicas nos últimos anos.

Nessa perspectiva, Passeggi et al. (2011) refletem que:

Não se trata de encontrar nas escritas de si uma "verdade" preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma às suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados (PASSEGGI, et al., 2011, par. 5)

De acordo com Santos, et al. (2018) em seu artigo *Ensaio Pedagógico*, no momento em que se compreendeu que as narrativas podiam ser entendidas como parte da história, as biografias puderam passar a compor a produção científica, sendo, em muitos casos, por se tratar em essência de produção qualitativa, a melhor opção para trabalhos de conclusão de curso.

Optar por fazer uma produção autobiográfica referente à QVT no exercício da docência na EPT não somente é atual, mas necessário, considerando que os debates acerca de qualidade de vida tem se estendido e ganhado destaque em todas as direções. Afinal, estar bem, onde quer que se esteja, é inerente ao querer do ser

humano, além de implicar diretamente na sua saúde.

Nesse intuito, Maia, Mesquita e Sousa (2024), em seu artigo intitulado *Qualidade de Vida no Ensino Profissional e Tecnológico para Construção da Promoção da Saúde*, observam que predomina, entre os alunos que participaram da pesquisa, o que eles denominam de “visão ainda reducionista [...] ainda no campo da não compreensão do que seria estilo de vida saudável [...], relacionando-os apenas à dimensão física e emocional”, atribuindo esse conceito limitado à “associação construída historicamente”. Essa observação, a meu ver, reforça a necessidade de diálogos que desconstruam essa visão limitada e que contribuam para a construção de uma compreensão mais ampla do que seja qualidade de vida.

Assim, tenho a expectativa de que esse trabalho de TCC possibilite uma oportunidade ímpar para a minha formação, uma vez que, como aluna do curso de especialização em docência na EPT e egressa de um curso técnico no ensino médio, a minha vivência pode imprimir significados expressivos no contexto da QVT no exercício da docência na EPT, ou pelo menos, me conduzir por reflexões profundas e instrutivas. Então, partindo desse ponto, pretendo contribuir, mesmo que de forma pouco impactante, para as desconstruções e (re)construções das percepções mencionadas anteriormente.

3.1. Fatores preponderantes para a QVT na docência da EPT

No caminho de construção desse trabalho, eu tive a impressão de que há mais produção acerca da qualidade de vida do aluno na EPT do que do professor. Não digo que não seja importante. Obviamente, considero que a temática qualidade de vida seja imprescindível em todas as áreas. Entretanto, imagino que a qualidade de vida do professor esteja atrelada à qualidade de vida do aluno, de modo que uma fortalece o argumento da outra. Afinal, de que forma um aluno poderia estar bem em um ambiente que adoce o seu professor? Sendo a recíproca completamente verdadeira, do meu ponto de vista.

Dentre as poucas produções sobre QVT na EPT disponíveis, uma chamou minha atenção por trazer uma abordagem completa e detalhada, o artigo: *A Qualidade*

de Vida no Trabalho dos Professores da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica: percepções com a metodologia BPSO alinhado à qualidade da educação, publicado no volume 37 da *Revista Espacios*, dos autores Rodrigo Ribeiro de Oliveira et al. A pesquisa divide as dimensões no sistema BPSO, sendo esta divisão descrita como domínios biológico, psicológico, social e organizacional. Com a finalidade de melhor visualizar e compreender os apanhados da supracitada pesquisa, eu sintetizei os dados no Quadro informativo 1 (página 10). Nele, é interessante notar que, nos domínios social e biológico nenhum dos itens relacionados obteve índice dentro dos limiares de satisfação.

Na pesquisa que resultou na produção do referido artigo, os autores encontraram achados interessantes, como, por exemplo, o maior índice de satisfação atribuído ao fator relacionamento professor – aluno, inclusive atribuindo à assistência estudantil destinada a alunos carentes um dos índices mais elevados para a satisfação do professor. Interessante também notar que os três menores índices de toda a pesquisa estão dentro do domínio social, sendo, nessa ordem, o auxílio transporte (2,03), seguido do auxílio alimentação (2,04) e da oportunidade de lazer e esporte (2,14). Já os três maiores foram: programas sociais destinados a alunos carentes (3,79), clima de camaradagem entre professores do núcleo comum (3,91) e relação professor – aluno (4,16).

É digno de nota que o único domínio que obteve todos os índices dentro do intervalo de limiares de satisfação foi o psicológico. O que me faz refletir que, pelo menos aparentemente, a saúde psicológica do professor da EPT está em condições mais favoráveis do que de outras modalidades de ensino. Salientando que, mesmo assim, ainda não está com um índice médio tão próximo do limiar máximo de satisfação.

Outra reflexão que faço a partir dos resultados, diz respeito ao resultado que aponta a relação professor – aluno como o maior índice de satisfação da pesquisa me traz muitas reflexões, e memórias, de diálogos que já tive o prazer de participar com professores motivados e encantados com a profissão. Nesses diálogos, a satisfação de testemunhar o sucesso dos alunos, seja ele acadêmico, profissional ou qualquer outro, é ponto de intersecção.

Quadro 1 – Fatores preponderantes para a QVT na docência da EPT

Parametrização da pesquisa: limiares de insatisfação entre 1,00 e 3,00 e limiares de satisfação entre 3,10 e 5,00

Dimensão	Questões Avaliadas	Menor índice	Maior índice	Índice geral
Biológica	plano de saúde; risco ergonômico; atendimento ambulatorial e alimentação ofertados nos campi; programas de preservação da vida, da integridade física e da promoção da saúde.	2,46 para alimentação nos campi	2,57 para programas de preservação da vida e da integridade física	2,51
Psicológica	confiança nos critérios de seleção de professores; avaliação de desempenho funcional; satisfação com a remuneração; clima de camaradagem com a área técnica e com os professores do núcleo comum.	3,23 para avaliação de desempenho	3,91 para clima de camaradagem entre professores	3,52
Social	reembolso de plano de saúde; auxílios de alimentação, de transporte e de creche; previdência; financiamento e bolsas para cursos externos e oferecimento de esporte e lazer.	2,03 para auxílio transporte	2,67 para financiamentos e bolsas para cursos externos	2,29
Organizacional Gerencial	suporte estrutural; suporte de pessoal; oportunidades de participar de comitês e de ações de desenvolvimento profissional; comunicação interna; programas sociais destinado aos alunos e imagem e condições de segurança dos campi.	2,62 para comunicação Interna	3,79 para programas sociais destinados a alunos carentes	3,12
Organizacional Docência	quantidade de alunos por sala; laboratórios; incentivo à produção científica; número e quantidade dos equipamentos; condições das salas de aula e dos mobiliários; quantitativo de aulas semanais; ambiente de descanso do professor; relação professor – aluno; sala dos professores e serviço de transporte para viagens acadêmicas.	2,75 para ambiente de descanso de professores	4,16 para relação professor – aluno	3,46

Fonte: OLIVEIRA, Rodrigo Ribeiro de et al. A qualidade de vida no trabalho dos professores da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica: percepções com a metodologia BPSO alinhada à qualidade da educação. *Revista Espacios*, v. 37.

Acredito, inclusive, que essa não tenha sido uma constatação somente minha, pois, todos os colegas professores com quem já conversei a respeito relatam a mesma fonte de satisfação. De minha parte, pude desfrutar dessa alegria, quando revi alunos que fizeram questão de me falar que passaram em concursos, que conseguiram ingressar em cursos superiores, que obtiveram sucesso profissional, enfim, qualquer indício de que o aluno está bem, que progrediu, que não se perdeu no mundo, foi para mim, uma grande fonte de satisfação. A título de exemplo, recentemente, recebi a visita de uma antiga aluna que me disse: “Hoje eu sou professora de química por causa da senhora, por causa daquela aula que a senhora nos colocou pra fazer os experimentos.” Isso inundou meu coração e meu rosto com um largo sorriso. É, sem sombra de dúvidas, nossa maior fonte de satisfação.

Outra fonte de pesquisa bastante informativa nessa temática, embora delimitada a uma cidade, é apresentada no artigo *Qualidade de vida no trabalho (QVT) de professores do ensino técnico e profissionalizante: o caso de Irati-PR*, dos autores Franciele Langaro Ramos et al., publicada no ano de 2016.

Nela foram avaliados os critérios de compensação justa; de condições de trabalho; de uso e desenvolvimento de capacidades; de oportunidade de crescimento e segurança; de integração social dentro da organização; de constitucionalismo, no sentido de direitos trabalhistas; de trabalho e o espaço total de vida, tratando do equilíbrio entre vida pessoal e o exercício da função; e, por fim, de relevância social do trabalho na vida, tratando do orgulho da função e da credibilidade do instituto em que atua; essa pesquisa delimitou os índices entre o intervalo de 0 a 4.

Para sintetizar os resultados, facilitar a visualização e a reflexão sobre eles, trago o gráfico 1 na próxima página. Analisando os resultados, eu percebo que os índices nesse caso específico, são proporcionalmente superiores aos apresentados na primeira pesquisa. No entanto, ainda continuam demonstrando que há muito o que caminhar no sentido da promoção da QVT no exercício da docência na EPT. O orgulho da função e a credibilidade do instituto figura entre os maiores índices de satisfação nesse caso específico, empatado com o uso e desenvolvimento de capacidades. Nesse caso, o índice chegou bem próximo do limiar máximo.

Gráfico 1 – QVT no trabalho de professores do ensino técnico e profissionalizante: o caso de Irati-PR



Fonte: RAMOS, Franciele Langaro et al. *Qualidade de vida no trabalho (QVT) de professores do ensino técnico e profissionalizante: o caso de Irati-PR*. 2016.

Por outro lado, o menor índice obtido foi para ocupação – vida (2,84) que aborda o equilíbrio entre o tempo dedicado ao ofício, deslocamento para o trabalho, estabilidade de horários e o tempo dedicado às demais áreas da vida, acende o sinal de alerta, uma vez que pode ser sugestivo de sobrecarga.

Um ponto de divergência entre os dois artigos trata do relacionamento interpessoal. Enquanto na primeira pesquisa o índice do Domínio Psicológico, que abordava as questões de relacionamento com os colegas obteve o melhor índice médio, na segunda pesquisa, o critério integração, que traz em seu escopo a mesma temática, obteve o segundo pior índice. Uma explicação que eu considero plausível para essa divergência seria a de que a primeira pesquisa separou as questões relativas à hierarquia e ao relacionamento com colegas em dois domínios distintos, já

a segunda, incluiu todas as questões de relacionamento dentro de um único critério. Vale ressaltar que, na primeira pesquisa, o relacionamento com a gestão e com o suporte técnico e administrativo obteve índices bem inferiores aos índices de relacionamento com professores do núcleo comum.

A maior congruência dos dois artigos foi o fato de que nenhum dos critérios pesquisados obteve índice máximo. O que traz uma reflexão profunda acerca do marco atual de QVT na docência da EPT, sendo ainda mais alarmante o fato de que na primeira pesquisa o índice máximo equivale à pouco mais de 80% do limite superior de satisfação, enquanto que na segunda, é menos de 91%. Podem ser considerados bons índices, mas revelam que a promoção da saúde emocional, física, psicológica e funcional nos institutos federais que participaram das pesquisas, tem ainda um longo caminho pela frente.

Se este for o caso de generalização, (e, infelizmente, eu acredito que seja, pela vivência que tive com a docência) isso demonstra uma situação muito preocupante, especialmente, no que diz respeito aos efeitos dessa realidade em médio e longo prazo.

Analisando os artigos supracitados, temos um recorte dos principais desafios para a promoção da QVT dos docentes na EPT, bem como o marco situacional para cada um deles, o que nos dá um ponto de partida para se pensar a construção de melhorias a partir da realidade atual.

O principal desafio traz questões referentes a ações de medicina preventiva dentro do ambiente de trabalho, aspecto, inclusive, que eu considero como sendo relativamente fácil de resolver. Ações como a disponibilização de atividades físicas, ou atendimento ambulatorial e psicossocial, podem ser articuladas com parcerias estratégicas de uma forma bem tranquila. Já as questões referentes à compensação salarial e financeira justa, que respeitem o princípio da isonomia, requerem uma resposta mais elaborada, uma vez que envolvem o ajuste da legislação que está em vigor. Mas não é impossível de ser resolvidas.

Para facilitar a leitura e entendimento dos principais desafios e seus

respectivos marcos situacionais, eu elaborei o seguinte quadro:

Quadro 2 – Principais desafios e Marco Situacional

Assistência à saúde	Planos de saúde	Insatisfação com os serviços prestados – dificuldade para conseguir ser atendido
	Atendimento ambulatorial nos campi	Inexistência ou falta de equipamentos básicos
	Auxílio indenizatório de saúde	Problemas com reembolso dos valores de planos de saúde particulares – valores menores
	Segurança ocupacional	Riscos ergonômicos em virtude de infraestrutura inadequada e ausência de programas de controle de riscos
	Alimentação nos campi	Terceirização da oferta de alimentos – ausência de acompanhamento nutricional e de qualidade da alimentação ofertada/vendida nos campi
Compensação financeira justa	Auxílio transporte	Insuficiente ou inexistente/desrespeito ao princípio da isonomia
	Auxílio alimentação	Considerado baixo e fora do princípio da isonomia
	Financiamentos educacionais/ Bolsas para aperfeiçoamento	Insuficiente para atender um número expressivo de professores, além de ser considerado baixo
	Remuneração	Índice mediano – pode melhorar
Previdência	Insatisfação com a gerenciadora da previdência complementar	Falta de transparência no gerenciamento e ausência de esclarecimentos e informações solicitadas
Suporte e infraestrutura	Pessoal técnico e administrativo	Quantitativo de funcionários apontado como insuficiente para atender as demandas
	Comunicação interna	Apontada como sendo falha, precária, com ruídos e como um fator gerador de conflitos
	Ambiente de descanso	Ausência de itens para descanso dos professores como sofá, ambiente sem ventilação e iluminação, dentre outras questões

		citadas
	Laboratórios precários	Equipamentos apontados como sendo de baixa qualidade, inexistentes, insuficientes ou com baixo nível de segurança
Ações preventivistas	Programas de preservação da vida e da integridade física e de promoção da saúde	Apontados como desconhecidos e inexistentes
	Lazer e atividades físicas	Não ofertados, e espaços físicos destinados a essas práticas inexistentes nos campi
	Ocupação x vida	Indissociabilidades entre a área profissional e a área pessoal comprometendo a qualidade de vida

Nesse contexto, não tão favorável, as políticas públicas vigentes voltadas para a promoção da qualidade de vida no exercício da docência se resumem, basicamente, à Lei 14.681/2023, instituindo a Política de Bem-Estar, Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho, que propõe a valorização dos profissionais e a prevenção de doenças ocupacionais, e ao Decreto 12.603/2025 (PNEPT), que regulamenta a expansão, o sistema de avaliação (SINAEPT) e a valorização da EPT, embora eu desconheça, até o momento, a publicação de uma pesquisa mais recente que ateste a efetividade desses instrumentos legais nos campi de algum Instituto Federal.

Diante do exposto, ao trilhar o caminho da produção autobiográfica com foco na QVT na docência da EPT, espero deixar minha contribuição para a promoção da saúde no âmbito profissional da regência de classe, refletindo positivamente na construção da saúde discente e, dessa forma, semeando a importância da qualidade de vida enquanto construção histórico-social em todos os contextos educacionais.

3.2. Formação

Meu percurso na educação básica se deu em um período ímpar da história nacional, dividindo-se entre os anos pré e pós-promulgação da Constituição Federal de 1988. Nesse período, iniciou-se a jornada rumo à busca por uma educação pautada nos pilares estabelecidos na nossa Carta Magna, tendo como marco referencial nessa

busca a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996. Por outro lado, como optei pelo curso técnico no ensino médio antes de avanços significativos na implementação dos critérios estabelecidos na LDBEN de 1996, a fragmentação do ensino ainda impactou a minha formação básica, o que refletiu negativamente durante a minha formação superior, exigindo um nível de esforço muito elevado para o avanço na minha aprendizagem.

Na formação superior, meu direcionamento se deu no sentido das ciências exatas, após uma breve indecisão, por assim dizer, polarizada. Embora vivenciasse um período interno de resistência em cursar licenciatura, na época em que fui prestar vestibular pela primeira vez, em 2001, não havia outras opções disponíveis em Petrolina na UPE. Por orientação de uma prima, que é professora, Cilene, fiquei indecisa entre as disciplinas que mais gostava na escola: literatura ou matemática. Como Letras não se tratava apenas de literatura, eu optei por matemática.

Em meados da primeira década dos anos dois mil, houve uma onda de parcerias entre as universidades para promover a facilidade de acesso aos cursos superiores. Nesse contexto, a FFPP, onde eu cursava matemática, em parceria com a UFRN, ofertou alguns cursos, dentre eles, física, na modalidade EAD. Após iniciar o curso de física, e antes de concluir o 6º período de matemática, eu mudei de cidade, para amparar minha mãe, após a perda sequenciada do meu avô, do meu pai, de um irmão e de uma irmã, abandonando os dois cursos.

Ao relatar essa história, eu sempre destaco a diferença efetiva que faz o suporte individualizado que há na educação a distância como fator decisivo na minha retomada da graduação. Enquanto eu ainda estava fora de Petrolina, o meu tutor do curso EAD me contactou através de mensagem de texto e me incentivou a retornar para a licenciatura em física. Devido a isso, eu viajei até Petrolina para fazer a 3ª oportunidade avaliativa. Não consegui avançar naquele momento, porque eu só tinha uma das três notas, mas foi o incentivo do tutor que me impeliu a retomar o curso. Enquanto isso, visto que na modalidade presencial sempre houve uma rigidez maior, (tal qual expresso na música *Another Brick in the Wall* de Pink Floyd) e minha jornada de trabalho na época frequentemente me impedia de estar livre no horário de início das aulas noturnas da FFPP, não consegui concluir matemática, nem mesmo quando

voltei a morar em Petrolina, no ano de 2008.

Refletindo sobre tudo o que compôs a minha formação acadêmica, considero um privilégio ter vivenciado tantas modalidades de ensino, porque percebo que toda essa experiência amplia minha visão e minha compreensão das fragilidades e das consistências em cada modalidade.

A minha paixão pela educação remonta à minha infância. E, após buscar aprofundar meu autoconhecimento, compreendo que a resistência em exercer a docência, que demonstrei no final da minha adolescência, se deu por um período de desconexão com minha essência, em consonância com um discurso amplamente difundido de desvalorização da profissão, considerando que na infância eu já demonstrava interesse em lecionar. Por isso, estou engajada na busca pelo reconhecimento e valorização da docência, e percebo que aquela primeira intenção profissional que tive quando criança, é o caminho que me realiza, o que me leva a projetar o retorno à atuação no exercício da docência, partindo da conclusão do curso de Especialização em Docência na EPT.

Em virtude disso, tenho a intenção de realizar um projeto de transição de carreira. Trabalho na área administrativa educacional há 16 anos, mas me projeto retornando para a regência de sala de aula, e para a continuidade da formação docente nos próximos anos. A minha jornada de trabalho, de 40 horas semanais, diminui o ritmo dessa transição, mas meu lema tem sido: “devagar e sempre” há mais de uma década; esse é um dos motivos que me engajam na contribuição para a busca por melhoria na qualidade de vida no exercício da docência na EPT.

A princípio, a palavra docência no título do curso de especialização foi o que me chamou a atenção. Mas, já durante o primeiro módulo, com as disciplinas de Trabalho e Educação Fundamentos Teóricos e Didáticos I e II, me encantei com a proposta da EPT, com os conceitos de omnilateralidade e trabalho como princípio educativo.

No curso de especialização, o maior desafio tem sido, de forma nada incomum, a produção do TCC. Sempre gostei muito da prática da escrita e da leitura, mas

escrever é um processo complexo, porque não se trata apenas do autor. Trata-se especialmente, do leitor, sendo então uma relação de troca muito minuciosa. E me fazer compreender, ao mesmo tempo em que atendo às demandas propostas, e que busco responder satisfatoriamente às perguntas orientadoras, tem sido um grande desafio. Além de tudo isso, muitas vezes, por se tratar de uma produção autobiográfica, que remete a um estilo mais informal e pessoal de escrita, cometo recorrentemente o lapso de não fazer uma revisão minuciosa para me certificar de atender as normas da ABNT, da gramática e da ortografia. Mas acredito que todo esse processo, no final, irá contribuir para o aprimoramento do meu perfil de escrita.

Outro grande desafio, não inerente ao curso, mas inerente à minha vida, tem sido o gerenciamento do tempo. Por ser mãe atípica, preciso me desdobrar para atender todas as demandas decorrentes dos acompanhamentos semanais necessários para o desenvolvimento da autonomia do meu filho, para atender à jornada extensa de 40 horas semanais de trabalho e para não atrasar os prazos de entrega das atividades do curso. E, mais recentemente, por questões específicas e agravamento de uma condição de saúde, tenho acompanhado minha mãe em viagens para Recife periodicamente. Tudo isso tem constituído um período de grande sobrecarga, e ocasionado estafa mental e social em mim.

Mas, mesmo em meio a tanta demanda, ao longo de dezoito meses, o curso de especialização em docência na EPT do IF Sertão, forneceu uma preparação intensa para o exercício do magistério nessa modalidade de ensino. Uma formação tão completa que abordou a linha do tempo da EPT, os fatores históricos e toda a caminhada legislativa, a fim de parametrizar legalmente a oferta da EPT no Brasil nas disciplinas de Trabalho e Educação: Fundamentos Teóricos e Didáticos I e II, e na disciplina A Docência na EPT: Contingências Históricas e Práticas Inspiradoras.

Além disso, fomos conduzidos por diversas reflexões acerca da prática pedagógica voltada para a humanização, para a inclusão e para a prevenção e o combate à evasão. Nesse ponto, achei interessante os relatos de alunos que evadiram e retomaram os estudos através do EJA, na disciplina Práticas Educativas na EJA-EPT: Teorias e Didáticas, especialmente porque isso me fez perceber que a qualidade de vida do aluno na EPT também está em foco. Oportunizar e reoportunizar alunos

que passaram por revezes, ou que desacreditaram do seu potencial após dificuldades e insucesso, mostra como é importante o olhar humanizado, que conduz ao êxito dos alunos, o que, conseqüentemente, contribui para a QVT dos docentes na EPT.

Obviamente, a escalada digital do mundo e do mercado de trabalho não poderia ficar de fora de uma especialização profissional na época em que nós vivemos. Dentre as reflexões conduzidas através dessa vertente, a possibilidade de substituição dos professores por máquinas, foi uma das que mais me chamaram a atenção. Eu, particularmente, continuo acreditando que a construção educacional, por se tratar fundamentalmente da experiência social mais intensa que todos nós vivenciamos ao longo da vida, teria uma perda irreparável se houvesse a substituição de pessoas por máquinas nesse processo.

Enfim, em meio a tantos ganhos e alguns desafios, tenho tentado me superar a cada dia e não desistir, e acredito que conseguirei seguir o caminho para o exercício da docência na EPT que projetei, de modo que espero estar novamente atuando no chão da sala de aula em um Instituto Federal em um futuro próximo, com níveis de qualidade de vida no exercício da docência superiores ao marco atual.

3.3. Atuação profissional na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

A EPT esteve presente em minha formação desde o ensino médio, na década de 90, quando fui aluna do curso Técnico em Contabilidade, na Escola Paul Harris. Naquela época, a educação fragmentada se encontrava em xeque, mas, ainda atuante. A diferença entre a educação que eu vivenciei no ensino médio e a proposta que conheci no curso de Especialização é gritante.

Embora me tenha fugido da memória a experiência que tive ao lecionar no EJA ofertado na rede municipal de Petrolina no ano de 2009, nos últimos momentos de produção do meu TCC, a relembrei. Inclusive, lecionar para adultos sempre me foi uma experiência extremamente gratificante. Naquela época, a estrutura da qual fiz parte não se encaixava no que hoje entendo como sendo o ensino integrado, uma vez que se tratava de um recorte do que estava previsto na Base Comum do MEC. Na época, me lembro de lecionar Ensino Religioso, Ciências e Matemática. O que

mudava em relação ao Ensino Regular era o recorte do conteúdo programático e a metodologia aplicada em sala de aula. Havia recursos audiovisuais que facilitavam o desenvolvimento das atividades. Mas o cansaço estampado nos olhares dos alunos era um grande desafio. Era necessário pensar em aulas muito interativas, e isso me rendeu muitos debates divertidos e enriquecedores. Foi curta a minha experiência como docente da EJA, porque em 2010 eu fui convocada para a área administrativa do Estado de Pernambuco. Mas foi uma experiência muito gratificante.

Durante as décadas que sucederam a LDB, muitos marcos legais trouxeram esperança de um ensino unitário para a EPT, tendo sido um dos principais a Lei 11.892/2008, que criou os Institutos Federais. Houve avanço nesse sentido, ampliação no número de Institutos Federais e de Escolas Profissionalizantes, além do fortalecimento do Sistema S, uma das instituições que ofertam a EPT. No entanto, houve um retrocesso, também significativo, nos anos mais recentes, tendo sido retomada a pauta de avanço apenas nos últimos três anos.

O foco político e legislativo para a EPT entre os anos de 2014 até 2019 estava na ampliação do número de matrículas. Infelizmente, o subsídio financeiro e a infraestrutura física nesse período não acompanharam a referida proposta de ampliação. Entre 2019 e 2022, o foco político e legislativo voltou-se para a qualificação da gestão e o fortalecimento da articulação com o mundo do trabalho local, com uma visão mais próxima do neoliberalismo. Mantendo o discurso da valorização profissional meramente demagógico, sem reflexos financeiros significativos para os profissionais, com redução de verbas e investimentos, com congelamento do teto de gastos para a educação, sucateamento da infraestrutura de prédios e de laboratórios dos Institutos Federais, somado à infame reforma do ensino médio, os anos acima citados foram um período infeliz para a educação no Brasil em todas as suas modalidades.

Como se não bastasse, a pandemia da COVID 19, trouxe o trabalho remoto como uma solução que resultou em sobrecarga social, psicológica, profissional e emocional, considerando que, atender as demandas muitas vezes exigia de todos nós, profissionais da educação, a inexistência de limites entre vida pessoal e profissional. Sob o pretexto dos pilares da gestão por resultados, houve a sustentação da

sobrecarga imposta aos profissionais no período pandêmico e nos anos seguintes.

A partir de 2023, as discussões acerca da EPT reformularam o curso, buscando novamente o caminho do ensino integrado, com a Lei 14.645/2023 e o Decreto 12.603/2025, nos quais são estabelecidas metas, diretrizes e o sistema de avaliação para o fortalecimento da EPT centrada na integração entre ensino propedêutico e técnico.

Ainda nos anos citados no parágrafo anterior, retomou-se a discussão que resultou na adequação legal da QVT através da Lei nº 14.681/2023, na qual foi implementada a política de QVT para profissionais da educação com definições bem claras acerca do bem-estar, da saúde mental e física, tanto de professores quanto dos profissionais de suporte técnico e administrativo.

Já o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024/2025) traz em suas metas 11, 12 e 13, as diretrizes para a valorização dos profissionais da educação. Dentre as ações de Qualidade de Vida para estudantes e servidores, destacam-se as voltadas para a permanência e o êxito dos alunos, incluindo saúde, alimentação e transporte, por meio do auxílio financeiro de Assistência Estudantil; projetos de capacitação, palestras e ações colaborativas visando à prevenção do cansaço exacerbado e da exaustão, atreladas a ações de promoção do bem-estar dos servidores, respeitando os critérios estabelecidos na Lei 11.091/2005, que trata do Plano de Cargos e Carreiras, qualificação, capacitação e aperfeiçoamento.

E, por último, mas não menos importante, a nova PNEPT (Política Nacional de Educação Profissional e Tecnológica), regulamentada pelo Decreto 12.603/2025, que estabelece o monitoramento da qualidade da oferta educacional a cada 4 anos, vem como uma proposta de avanços significativos que é inerente ao método de gerenciamento que se baseia em avaliações para ajustes.

Após pesquisa, constatei que uma política direcionada para a QVT na Docência da EPT, é inexistente. Entretanto, a existência de uma Lei direcionada para a QVT no exercício da docência já me parece um bom ponto de partida. Não digo que o que há, tanto no quesito produções acadêmicas, quanto o que há no quesito de legislação

vigente, seja o suficiente para se conseguir modificar o quadro atual da QVT na Docência da EPT. Mas, acredito que o caminho hoje é mais favorável do que já foi um dia.

Em meio a tudo isso, não posso deixar de dizer que a proposta de formação integral que hoje norteia a EPT, ao meu ver, é a melhor esperança de promoção de justiça social que temos no nosso país, sendo inclusive, a escolha que fiz para a educação do meu filho, desde o 6º ano do ensino fundamental, na rede S, mais especificamente no SESI. Atrevo-me a dizer que, o conhecimento que este curso me propiciou, fez com que eu me reencantasse com a educação e desejasse voltar a atuar como docente nessa área em um futuro não muito distante.

3.4. Discussão das temáticas das disciplinas

A matriz curricular do curso de Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica é ampla e diversificada. Todas as disciplinas são muito pertinentes e necessárias, mas algumas, em especial, me propiciaram uma visão muito aprofundada das engrenagens que constroem essa modalidade de ensino, e isso me encantou profundamente. São elas: Trabalho-educação: Fundamentos Teóricos e Didáticos I e II, A docência na EPT: Contingências históricas e práticas inspiradoras, e Práticas educativas integradoras na EPT: Teorias e Didáticas.

Através dessas disciplinas, pude conhecer muitas realidades, casos específicos, e práticas exitosas que demonstram o avanço real através da série histórica da EPT no Brasil, o que é, ao mesmo tempo, esclarecedor e inspirador.

3.4.1. Disciplina 1: Trabalho e Educação: Fundamentos Teóricos e Didáticos I:

Nessa disciplina, a série histórica da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil é apresentada desde a Escola de Aprendizes e Artífices, em 1909, até a atualidade, introduzindo os conceitos de trabalho como princípio educativo e formação integral. Além disso, aborda as diferentes concepções pedagógicas acerca da EPT, e apresenta o rompimento com o dualismo estrutural como proposta para a promoção de uma educação emancipadora da classe proletária. Foi nessa disciplina que pude

entender mais profundamente o que meus professores falavam sobre a fragmentação do ensino na época em que eu cursava o ensino médio.

3.4.2. Disciplina 2: Trabalho e Educação: Fundamentos Teóricos e Didáticos II:

Aqui, o professor aprofunda os conceitos de omnilateralidade, escola unitária e trabalho como princípio educativo. Aborda profundamente as políticas públicas e as legislações que regem ou regeram a EPT em algum momento, bem como, as disputas e conflitos que permeiam as concepções pedagógicas acerca da EPT ao longo da série histórica. Essa disciplina culmina com a apresentação da temática práxis transformadora na EPT, com uma explanação sobre a implementação prática da perspectiva integradora da educação profissional e tecnológica. Aqui eu comecei a refletir sobre quão impactante pode ser a EPT na emancipação da classe trabalhadora, bem como sobre como o sistema de exploração da classe trabalhadora atual sacrifica muitos em benefício de poucos.

3.4.3. Disciplina 3: A docência na EPT: Contigências históricas e práticas inspiradoras:

Nessa disciplina, o foco foi na formação docente na EPT, com sua historicidade, seus desafios, avanços, e a abordagem das políticas públicas nessa área. Além disso, foram apresentadas práticas educativas integradoras no contexto dessa modalidade de ensino, bem como, uma introdução à realidade da educação inclusiva e da educação de jovens e adultos na EPT. Finalmente, foram trazidos à pauta relatos e narrativas de experiências inspiradoras e exitosas na educação profissional e tecnológica. Aqui eu recuperei o encanto com a educação. Conhecer os relatos me causou um sentimento de nostalgia do exercício da docência que me fez querer voltar a atuar no chão da sala de aula.

3.4.4. Disciplina 4: Práticas educativas integradoras na EPT: teorias e didáticas:

O foco central dessa disciplina foi a educação inclusiva das populações divergentes e minoritárias, sendo apresentados e defendidos os conceitos de

igualdade, diversidade, equidade, alteridade e educação inclusiva, em todas as suas facetas, como um direito constitucionalmente garantido, que tem amplo embasamento e lastro legal. Foi feita também, uma abordagem muito aprofundada sobre o racismo estrutural, a desigualdade histórica e as barreiras sociais enfrentadas pela população neurodivergente e pelas classes minoritárias. Como reflexão, foram apontados os impactos dessas práticas nocivas, no âmbito da EPT, no que diz respeito aos princípios constitutivos de acesso, permanência e sucesso desses grupos. Em contrapartida, apresentou-se o enfrentamento dessa realidade através das políticas públicas inclusivas, das ações afirmativas e dos projetos implementados nos Institutos Federais. Por fim, o último capítulo introduziu a temática de inclusão de pessoas com deficiência na EJA, tema aprofundado em outra disciplina. Esse conteúdo me é excepcionalmente caro, porque, como todas as mães atípicas, sonho com o dia em que a inclusão será uma realidade na prática educacional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da produção dessa pesquisa autobiográfica, sou levada a refletir sobre qual prática educativa pretendo vivenciar quando retomar o exercício da docência. A perspectiva de defender, com a minha prática diária, a inclusão, o respeito, a valorização de todos os grupos e vivências; de me unir às respectivas classes na luta por políticas públicas efetivas em cada caso; bem como de contribuir para a emancipação da classe proletária, com uma práxis transformadora de educação integral, embasada nos conceitos de omnilateralidade, trabalho como princípio educativo e escola unitária, é o combustível para minha intenção de realizar um projeto de transição de carreira.

Nesse ínterim, acredito piamente que todas essas abordagens, quando fundamentam o lastro legal e as políticas públicas voltadas para a EPT, convergem para a temática de QVT. Em concordância com esse ponto de vista, Gimenes et al. defendem que fatores como 'motivação para o trabalho; adaptabilidade e mudanças no ambiente de trabalho; criatividade e vontade de inovar ou de aceitar mudanças'(GIMENES et al, 2024, p.3) são diretamente afetados pela efetividade ou ausência de qualidade de vida no trabalho.

A título de exemplo dessa convergência, na pesquisa publicada na Revista *Espacios*, sobre a temática intitulada *A Qualidade de Vida no Trabalho dos Professores da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica: percepções com a metodologia BPSO alinhado à qualidade da educação*, os autores Oliveira et al. apresentaram em seus resultados a observação de que, no domínio organizacional, dentre outros, obteve-se uma média geral de pontuação satisfatória, “com destaque para a variável “programas sociais destinados aos alunos carentes”” (OLIVEIRA, et al, 2015), e mais à frente argumentam que o Programa de Assistência Estudantil que visa assegurar a permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade social, impacta positivamente nos índices de permanência e sucesso desse grupo de alunos, concluindo que essa realidade constitui um dos fatores preponderantes para a qualidade de vida na docência da EPT, conforme apontado pelos professores participantes da pesquisa. Isto é, na verdade, facilmente observado no diálogo de todo professor, no senso comum de que ver o sucesso do aluno é a principal razão do seu bem-estar profissional.

Ainda no campo do domínio organizacional, corroborando a percepção de que a práxis transformadora é um fator preponderante para a qualidade de vida no exercício da docência na EPT, os supracitados autores, nesse mesmo artigo, relatam que ‘a variável que apresentou a média “muito satisfeito” foi a relação professor-aluno’, justificando tal apanhado com a seguinte proposição:

Acredita-se que os professores conseguem acompanhar o desenvolvimento do aluno por todo o curso (do ingresso à conclusão do curso), podendo perceber as mudanças nos alunos decorrentes do seu trabalho o que pode contribuir para um sentimento de satisfação. (OLIVEIRA et al., 2016, p. 17)

Assim, como simpatizante de todas as lutas de classe, como defensora do Estado de direito e do bem comum, como idealista que sou, fruto da classe proletária, traço meus projetos, esperançosa de contribuir positivamente para as temáticas nas quais me engajo. Dentre elas, a proposta de formação omnilateral presente na EPT, e a minha proposta de contribuir ativamente com o aumento da visibilidade da temática QVT focada no exercício da docência na educação profissional e tecnológica.

Dessa forma, espero que essa jornada autobiográfica para o trabalho de

conclusão de curso da Especialização em Docência na EPT, possa contribuir significativamente para a valorização da docência nessa modalidade de ensino e para a promoção da QVT no exercício da docência na EPT, de forma a deixar minha pequena marca na construção social que receberá as próximas gerações do proletariado no nosso país de forma mais digna.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 4 mar. 2026.

BRASIL. Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta dispositivos da Lei nº 9.394/1996 no tocante à educação profissional e tecnológica. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 jul. 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/decreto/D5154.htm. Acesso em: 5 mar. 2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 4 mar. 2026.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Plano Nacional de Educação 2014–2024. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 26 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 5 mar. 2026.

BRASIL. Lei nº 14.681, de 18 de setembro de 2023. Institui a Política de Bem-Estar, Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho e Valorização dos Profissionais da Educação. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 18 set. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2023/lei/L14681.htm. Acesso em: 4 mar. 2026.

GAROFALO, Débora. A urgência da valorização docente em tempos de adoecimento coletivo. Revista Educação, 2025. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2025/06/20/valorizacao-docente/>. Acesso em: 30 mar. 2026.

GIMENES, Antonia Maria; CIEL, Silvia Regina Martini Del; ÁVILA, Renato Nogueira Perez; TEODORO, Solange. Qualidade de vida no trabalho e os impactos no comportamento do colaborador. Revista Eletrônica Inesul, 2024. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_33_1426199969.pdf. Acesso em: 5 mar. 2026.

MAIA, S.; MESQUITA, M.; SOUSA, J. D. Qualidade de vida no ensino profissional e tecnológico para construção da promoção da saúde. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 4075–4085, 2024. DOI: 10.16891/2317-434X.v12.e2.a2024.pp4075-4085. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/2015>. Acesso em: 12 mar. 2026.

OLIVEIRA, Rodrigo Ribeiro de et al. A qualidade de vida no trabalho dos professores da rede federal de educação profissional e tecnológica: percepções com a metodologia BPSO alinhado à qualidade da educação. *Revista Espacios*, v. 37, n. 3, p. 17, 2016. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a16v37n03/16370317.html>. Acesso em: 5 mar. 2026.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. *Educação em Revista*, v. 27, n. 2, p. 369–386, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?lang=pt>. Acesso em: 5 mar. 2026.

RAMOS, Franciele Langaro et al. Qualidade de vida no trabalho (QVT) de professores do ensino técnico e profissionalizante: o caso de Irati-PR. *Cinergis*, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 3, p. 202–207, jul./set. 2016. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/cinergis/article/view/7597/5007>. Acesso em: 05 mar. 2026.

RAMOS, Franciele Langaro et al. Qualidade de vida no trabalho (QVT) de professores do ensino técnico e profissionalizante: o caso de Irati-PR. *Cinergis*, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 3, p. 202–207, jul./set. 2016. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/cinergis/article/view/7597/5007>. Acesso em: 05 mar. 2026.

RUTESKI, Diane; MENDES, Luis Otávio. A percepção da qualidade de vida de professores e professoras de uma instituição de ensino técnico profissionalizante privada do município de Canoinhas–SC. Florianópolis: Instituto Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <https://sig.ifsc.edu.br>. Acesso em: 5 mar. 2026.

SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Anselmo; MARTINS, Thiago de Melo. Pesquisa (auto)biográfica. *Ensaio Pedagógico* (Sorocaba), v. 2, n.

1, p. 45-53, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://seer.cesmac.edu.br/index.php/ensaiospedagogicos/article/view/1029>. Acesso em: 05 mar. 2026.